

Dossiê especial

“Francisco Laranjo,
memória e
espaços
sensíveis
da pintura”

António Quadros Ferreira

Portugal. FBAUP - i2ADS, *Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade*
da Universidade do Porto

Apresentação

Em 15 de Novembro de 2023 faz um ano que faleceu o Francisco Laranjo. Pintor, Professor, e Amigo, que muito cedo e inesperadamente nos deixou. Ciente da necessidade imperiosa de dar eco à sua Memória, o professor Mauricius Farina tomou a iniciativa da *Revista Visuais* lhe dedicar este número especial. Iniciatura louvável esta, a que me associei de imediato com o convite apresentado pelo Mauricius Farina para convidarmos alguns dos Amigos do Francisco, que sempre estiveram mais próximos. Deste modo, desejo reiterar o meu privilégio em acompanhar esta *viagem* por alguns dos lugares de vida e de obra do Francisco. E sublinhar, ainda, que, para além dos textos de Domingos Loureiro, da Isabel Sabino, da Maria de Fátima Lambert, do Mauricius Farina & Marta Strambi, da Sofia Torres, e do meu próprio, existe também um texto do Francisco Miguel Laranjo. Todos os textos evocam a dimensão afectiva e humanista, e a dimensão intrinsecamente ligada ao artista e ao pintor. Sendo que o texto proposto pelo filho do Francisco é um belo testemunho, único, aliás, de quem sempre esteve muito perto e por dentro, da obra do pai, e que escreve sobre os seus ateliers. Esta homenagem é uma primeira homenagem, ou simplesmente uma homenagem Outras seguir-se-ão. Pois é necessário dar a conhecer a Memória do Francisco Laranjo e transformar o seu exemplo, absolutamente inspirador, num exemplo muito esperançoso para os dias de um futuro que se revela muito incerto.

Assim, a *Revista Visuais* publica neste seu número especial dedicado a Francisco Laranjo, os seguintes textos: *Francisco Laranjo, o caminho de dentro como caminho vital da pintura*, de António Quadros Ferreira; *Silêncio que invade e liberta: as paisagens-pintura de Francisco Laranjo*, de Domingos Loureiro; *Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo*, de Francisco Miguel Laranjo; *Francisco Laranjo, num certo azul (que pode não parecer azul)*, de Isabel Sabino; *Conversation piece - Visconti no atelier de Francisco Laranjo*, de Maria de Fátima Lambert; *Francisco Laranjo: a sublimação do tempo*, de Mauricius Martins Farina & Marta Luiza Strambi; e *Carta ao Professor Francisco Laranjo*, de Sofia Torres.

Em *Francisco Laranjo, o caminho de dentro como caminho vital da pintura*, António Quadros Ferreira apresenta um texto-testemunho sobre a presença da dimensão humanista na vida e obra do Francisco Laranjo. Com efeito, é um imperativo de consciência falar do Francisco no que sei dele, e dizer o meu testemunho de partilha e de amizade, relativamente ao seu “projecto de viagem (e) de mundo”. Na obra do Francisco Laranjo, o percurso e a pintura fazem resgatar a sua dimensão humana, enquanto viagem de um lugar que se vive com intensidade, e que *é simultaneamente encontro e percurso* das memórias crepusculares que transformam a sua emoção cósmica em gesto de um movimento em estado de destino”. Em direcção a uma *gestualidade mínima*, a obra do Francisco faz preservar as suas *origens durienses*, em movimento para “uma *pintura de água*, uma *pintura uterina*, ou uma pintura em estado de *nascimento matricial*”. Mas, no *caminho de dentro* do Francisco Laranjo, faz-se compreender “a ligação estreita entre a qualidade do gesto, do Francisco *construtor de gestos pictóricos*, e a qualidade da comunicação, do Francisco *construtor de diálogos*”. E termina-se, concluindo que “na obra de Francisco Laranjo muitas vezes confundia-se a sua vida com a sua obra, pois, no [seu] caminho solar (...) faz-se eco da luz em movimento que inscreve e que percorre os caminhos cósmicos de um pensamento congregador, de paz, e de convicção do *poder da arte*”.

Em *Silêncio que invade e liberta: as paisagens-pintura de Francisco Laranjo*, Domingos Loureiro desenvolve o seu texto em forma de testemunho e homenagem iniciando-o com “(...) o ruidoso silêncio que ficou pela partida precoce de Francisco Laranjo (...)”. Diz-nos Domingos Loureiro que o Francisco Laranjo “utilizava todas as formas e momentos para transmitir e ensinar”, e “fazia-o como um bom mestre, dos que acompanha a fluidez do pensamento e carrega nos botões certos para que tudo pareça autodescoberta”. Para Domingos Loureiro, a obra de Francisco Laranjo “é um gesto de ensinamento pleno” e, por isso, também “as suas obras são *lugar-em-si*, que não projetam ou representam, mas que serão o espelho onde tudo se poderá vir a encontrar”. Domingos Loureiro desenvolve o seu texto dirigindo-se “ao silêncio, ao silêncio da ausência, mas sobretudo, ao silêncio que tantas vezes [encontrou] como a lente que o Francisco [lhe] emprestou, para tentar perceber o mundo”.

Com o texto *Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo*, Francisco Miguel Laranjo apresenta-nos um testemunho muito minucioso e envolvente sobre as *atmosferas* e os *espaços* dos ateliers do seu pai. Comprometido que está com um grande trabalho de inventariação em curso sobre o espólio artístico do pai, Francisco Miguel Laranjo apresenta-nos uma descrição muito importante sobre os diferentes ateliers, sugerindo, assim, um retrato muito completo dos quatro ateliers do seu pai, ao longo dos cerca de *cinquenta anos de trabalho*: o primeiro, em Baguim do Monte, o segundo, na Rua Chã (por detrás da Estação de São Bento), o terceiro, na Calçada de Monchique (com vistas sobre o Douro), e o quarto no nº 146 da Rua do Comércio do Porto (depois de uma breve passagem pela Rua Mouzinho da Silveira). O texto descreve os espaços e atmosferas, a propósito do último dos ateliers. Francisco Miguel Laranjo acrescenta que “a percepção de estarmos num lugar mágico é inebriante”, e “sente-se a alma”. A descrição dos espaços e dos objectos é rigorosa e comovente, pois faz resgatar com inteligência e sensibilidade a memória, as memórias, do Francisco Laranjo. Conclui Francisco Miguel Laranjo, dizendo-nos que “os universos que [o pai] juntou durante cinco décadas são [agora] devolvidos ao mundo”, onde “a alma e os seus universos permanecem vivos nos trabalhos espalhados por vários continentes”.

Com o texto *Francisco Laranjo, num certo azul (que pode não parecer azul)*, Isabel Sabino apresenta-nos um testemunho muito intenso sobre o Francisco, transbordante de humanidade. Isabel Sabino aborda a sua *experiência da amizade* com o Francisco, isto é, a presença do *espírito amigo* e, dessa maneira, e no reencontro de memórias e do pintor, “a sua voz em ecos (...) conduz este reencontro aqui. Com eles, converso sobre pintura”, diz-nos. Para Isabel Sabino, o Francisco Laranjo é intérprete de um testemunho de representação sem representação, ou a pintura do Francisco dá-nos a ver a *potência* de todos os “lugares simbólicos”, isto é, a *coisa mental* de toda a pintura que se inscreve na presença de “uma consciência do gesto [e] da materialidade na pintura”. Pintura dos *lugares simbólicos* a pintura de Francisco Laranjo, onde “a paisagem implica a experiência da diversidade de percepções, o outro, a viagem”, é a pintura de *quase paisagem*, e que denota a vontade do encontro entre ocidente e oriente – para o acontecimento da “hipótese zen”. Neste encontro o lugar da sua

pintura essencial, segundo Isabel Sabino, em que “o epicentro do interesse de Francisco Laranjo pelo Oriente não é uma escolha académica qualquer, pois cultiva-se a partir do interior do seu processo pictórico, no qual o gesto é essencial na génese da ação muitas vezes por ele designada como escrita, a ponderar a organização do espaço, os elementos gráficos e as densidades atmosféricas”.

Em *Conversation piece - Visconti no atelier de Francisco Laranjo*, Maria de Fátima Lambert dá-nos a ver Francisco Laranjo nalgumas das suas latitudes menos conhecidas. E, clarificando a poética do Francisco *enquanto recolector de mundos*, Maria de Fátima Lambert diz-nos que na obra do artista a fundamentação estética decorre entre “o caminho de dentro e os caminhos do exterior, através de uma resolução aguda e profundamente adequada ao seu desígnio estético e as condições de *práxis* artística”. Os trabalhos mais recentes de Francisco Laranjo “vagueiam entre a suspensão do espaço e a delimitação dos tempos cronológicos (...) entendidos na sua condição de *devires* seguindo uma perspectiva inerente ao pensamento de Michel Foucault, no âmbito da designada “ontologia do presente”, assinala Maria de Fátima Lambert. Por outro lado, a pintura de Francisco Laranjo revela a presença de um caminho *Tao*, na opinião de Maria de Fátima Lambert e, por isso, a presença de um caminho, integrado, que permitia compreender e viver as poéticas singulares da arte no âmbito das dimensões possíveis e abertas pelo encontro, gnosiológico, entre ocidente e oriente. Por último, uma referência àquela que foi a última das exposições colectivas em que o Francisco Laranjo participou – *Coisas que se elevam do espelho de água* – no Verão de 2022 na Fundação Gramaxo.

Em *Francisco Laranjo: a sublimação do tempo*, de Mauricius Martins Farina & Marta Luiza Strambi, apresenta-se um testemunho muito vivo acerca de uma visão muito atlântica e, por isso mesmo, próxima do exemplo (e) da pintura do Francisco Laranjo. Principalmente dos *conceitos de intuição e sentimento da forma*, por via do trabalho mais monocromático do Francisco, onde seja possível detectar “o ser da poética [como] uma tal verdade que se guarda na expressão de sua própria necessidade”, pelo que, “as energias da arte se abrem por dentro, e é assim que se alimenta uma investigação, pela alteridade, pela renovação”. Aliás, para Mauricius Farina e Marta Strambi, “a arte de

Francisco Laranjo permitiu aos olhos do mundo, sobre sua própria substância, incluir o ser artista, o investigador e o professor”. E, a propósito das pinturas monocromáticas de Francisco Laranjo, de que se destaca o projecto *Infinitum* – “viagem por lugares distintos de lugares distantes e de sentimentos precisos e diversos de expressão e de origem”, concluem, Mauricius Farina e Marta Strambi, dizendo-nos que “Francisco Laranjo foi um artista acostumado às viagens, suas pinturas e seus desenhos se constituíram para compor um lugar, para oferecer um saber sensível interconexo entre pensamento e forma, assim ele nos permitiu reconhecer um encontro com a natureza das matérias, através de uma circunstância mitopoética, sem o uso de alegorias ou de explicitados evidentes”.

Em texto muito breve, mas emotivo, Sofia Torres dirige-se ao Professor Francisco Laranjo, em *Carta na primeira pessoa*. E nesta sua Carta, Sofia Torres lembra a importância do Francisco Laranjo para o seu percurso pessoal, de estudante de Belas Artes, de Pintora e mais tarde de docente na mesma Faculdade de Belas Artes. E agradece ao Francisco Laranjo, “(...) por tudo o que [aprendeu] ao longo dos últimos 16 anos em que [teve] a honra de o conhecer”. Sofia Torres termina a sua breve, mas sentida *Carta*, com uma citação, de Sexto, professor de Marco Aurélio, onde reitera que “partilhar a sua companhia é a maior das lisonjas, e a oportunidade é uma honra para aqueles que o rodeiam.”